

**DAS “MARGENS”: AS TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE DE TERESINA-PI,  
SOB O OLHAR DE SUAS LAVADEIRAS (DÉCADA DE 1970)**

*Yasminn Escórcio Meneses da Silva (UFPI)<sup>1</sup>*

Teresina, capital do Piauí, banhada pelos rios Poti e Parnaíba, agregou em suas margens inúmeras mulheres que sem condições financeiras para manter a si e sua família, encontravam nos rios uma forma de trabalho lucrativa e fácil de ser mantida, a lavagem de roupas. Na década de 1970, foi constante o aumento do número de mulheres nas margens dos rios para executar tal tarefa, como parte dos resultados da forte migração que se tornou frequente nos anos que sucederam o chamado período do “milagre econômico” dos governos militares, ampliando o número de pessoas sem renda e sem perspectivas nas capitais brasileiras em busca de melhoria de vida. Teresina, vivendo nesse período uma constante transformação em suas estruturas físicas, produzidas pelo então progresso, buscou viabilizar meios estruturais para enfrentar a necessidade de organização, higiene e estética causada pela utilização dos rios como meio de trabalho por mulheres pobres. Assim, buscamos por meio dessa pesquisa, apoiados na metodologia da História Oral, compreender como as lavadeiras, em seu lugar social, que são os rios da cidade, e posteriormente a lavanderia comunitária criada pelo governo estadual, perceberam as transformações da cidade, pautadas por um discurso desenvolvimentista, mediante as melhorias da qualidade de seus serviços e o incessante aumento na procura pelo mesmo, incentivadas pelos órgãos sociais do governo. O entendimento de progresso para os sujeitos envolvidos na pesquisa revela-se dentro de uma aceitação e adaptação, esta em relação às ações intervencionistas que resultaram nas modificações estruturais da trama urbana. Tais mudanças foram significativas e acrescentaram para determinadas lavadeiras características positivas, enquanto outras revelaram não se beneficiar de tais feitos. Dentro dessa perspectiva é necessário compreender que através dos relatos orais, na qual obtemos uma ideia de como as mulheres que lavavam roupas nos rios se enxergavam, e por meio dessa visão, como buscavam meios de engrandecer seus serviços, já auxiliados pela lavanderia comunitária, ao oferecer um ambiente de trabalho diferente dos que já haviam sido habituadas. Com os novos locais de trabalho, a procura pelo serviço aumentou, no entanto, os ganhos obtidos com as lavagens não cresceu tão fortemente, mudando pouca coisa em relação a renda das lavadeiras. Verificou-se ainda, uma perceptível transformação em seus hábitos e habituais métodos de lavagem, que diferentes dos utilizados às margens dos rios, considerando que as mesmas já não necessitavam disporem-se na beira dos rios, nem ao sol escaldante, que perdurava desde o amanhecer, até o anoitecer. Na lavanderia comunitária percebe-se que a situação da lavadeira melhorou significativamente, principalmente em relação a uma maior preocupação com a saúde, segurança e comodidade das lavadeiras, que passaram a ser presentes em sua nova rotina.

**Palavras-chave:** História. Trabalho Feminino. Cidade. Teresina-PI (Séc. XX).

### **Introdução**

---

<sup>1</sup> Mestranda em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (Programa de Pós-Graduação em História do Brasil). E-mail: [yaesc24@gmail.com](mailto:yaesc24@gmail.com)

Reconhecer as transformações que irradiaram o progresso na cidade de Teresina durante a década de 1970, através de uma singular forma de trabalho, carregada de características ora positivas ora negativas, como é o trabalho das lavadeiras de roupas, compete-nos o desejo de discutir, como viés modernizante dos espaços urbanos, enxerga e propicia às lavadeiras dos rios da capital piauiense, a recepção e percepção das mudanças provocadas por tal.

Para tanto, nada mais justo ao leitor que compreenda alguns pontos antecedentes à discussão, pertinentes para esclarecer questões elaboradas para responder as dúvidas que irradiaram na ideia deste artigo. Uma delas é o fator migração, frequente e considerável, pois, caracteriza-se como ponto crucial para o aumento do número de lavadeiras na margem dos rios da cidade de Teresina, desatinando um aumento irregular e desproporcional do número de habitantes para com a estrutura da cidade até então.

A migração, teve dois momentos cruciais na história da cidade, motivada pelos mesmos motivos: buscar, dentre outras coisas, a melhoria de vida, que se estendia à fatores como educação, moradia e empregos. O primeiro momento, ainda durante a segunda metade do século XIX, que segundo Queiroz (2011) influenciada pela mudança física da capital, antes localizada ao sul do estado, e a partir de então ao centro, margeando o rio Parnaíba, favorecendo um melhor aproveitamento de trocas comerciais junto ao estado do Maranhão. Pois a mudança da capital de Oeiras para a centralizada Teresina, em 1952, provocou uma movimentação em massa nos anos subsequentes, na busca da qualidade de vida que a vida urbana poderia oferecer.

Outro momento que caracterizou intensa movimentação para a cidade de Teresina, causando mudanças mais categóricas no espaço urbano e no cotidiano da capital, se deu durante a segunda metade do século XX. Influenciados pelo então desenvolvimento econômico, viabilizado por intensos investimentos do período que chamamos de “milagre econômico”, possibilitando a Teresina mudanças significativas em seu espaço urbano (FONTINELES, 2015) e por consequência em seu estilo de vida, ao incutir em seus moradores novos hábitos e novas culturas produzidas através da modernização.

No entanto, a migração, aqui discutida entre o período de 1970, muito além de apenas aumentar a densidade demográfica da capital, acarretou problemas sociais, gerando uma série de situações na qual a administração pública não adquiriu força o suficiente para sanar, a primeiro momento, os problemas que se avolumavam na medida em que a capital se modernizava e crescia, gerando um acúmulo de problemas sociais e urbanos cada vez mais comuns, e desestruturando tanto os espaços da cidade quanto prejudicando seu crescimento de forma linear e padronizada a todas as classes sociais que habitam a capital.

Assim é que, na medida que a cidade se desenvolvia, boa parte da população necessitava de meios para viver, visto que as ofertas de empregos não condiziam com a realidade que se apresentava, e convergia também com a mão-de-obra disponível, ao passo que a parcela da população que se avolumava estava desempregada e não era educada ou profissionalizada o suficiente para exercer determinadas profissões.

Dessa forma, os migrantes pobres que chegavam com suas poucas malas mas muitos sonhos, projetos e desejos de mudar de vida, de crescimento e prosperidade se viam em uma condição adversa onde não havia empregos, não havia moradia de qualidade, não havia oferta educacional suficiente. Contudo, a necessidade de resistir a cidade, promove nas camadas mais baixas da população teresinense meios alternativos de sobrevivência, muitos deles através de costumes e hábitos trazidos do ambiente rural que antes era sua realidade, tais quais serviço de pedreiros e serventes, vendas de produtos alimentícios nos mercados, ou em praças, o trabalho como doméstica, babás, a jardinagem, a pesca e a lavagem de roupas nos rios (SILVA, 2017).

Para as mulheres pobres que não detinham de formação educacional, as chances de se empregar eram ainda mais difíceis por conta das poucas ofertas de empregos, e da conseqüente falta de qualificação. Por isso, ao pensarmos as lavadeiras como ponto da discussão sobre as transformações na cidade de Teresina, vimos a oportunidade de observar, pelo olhar das lavadeiras, representando um grupo marginalizado que se apropria de espaços e molda um cotidiano, movimentando a economia de uma cidade e resiste a ela, junto das conjunturas pela qual a capital atravessava dentro de um discurso

modernizador, na qual viveu a Teresina de 1970, que como diz Fontineles (2015), foi palco de mudanças estruturais representando a flecha do progresso no Piauí.

### **Das “margens”**

A lavagem de roupa nos rios é uma prática trivial e comumente atravessa gerações, tendo uma característica pertinente ao ser uma atividade exercida eminentemente por mulheres. Motivadas, principalmente, pela necessidade de manutenção da renda familiar, essa atividade se configura dentro da realidade de muitas mulheres migrantes em Teresina.

O esforço para trazer à família recursos monetários marginais, vitais em caso de crise, sempre acarretou um aumento da atividade feminina, levando as mulheres a reproduzir ocupações desenvolvidas nos quadros domésticos, como lavar, passar e engomar, que passaram a constituir para as mulheres pertencentes aos estratos sociais mais baixos uma opção de ocupação remunerada, impondo-lhes uma jornada de trabalho de ampla extensão de sua própria atividade doméstica e com míseros ganhos (MATOS, 2002, p.144)

Como nos exemplifica Matos, a jornada de trabalho estendia-se para além de seu próprio lar, ainda mais por ser atividade já exercida dentro de seus hábitos domésticos. O que pontua-se entretanto, é que tal atividade, é realizada em espaços públicos, reconfigurando lugares e espaços para uso e apropriação de diversas outras formas, e dando à cidade diferentes imagens, relações sociais e cotidianas.

Sobre o uso dos espaços urbanos, Fontineles nos diz que “o sentido da cidade é aquele conferido pelo uso e pelos modos de apropriação que seus habitantes fazem para reprodução da sua vida e nas implicações que derivam disso” (2016, p.173). Concernente a isso, compreendemos os espaços utilizados pelas lavadeiras para compor o sentido a cidade de Teresina dentro de suas transformações, apontando como as lavadeiras de roupas dos rios se viam dentro do processo de modernização e progresso da cidade, em meio as mudanças que lhes eram propostas.

Ocupando os dois rios da cidade, Parnaíba e Poti, as lavadeiras para alguns cronistas dos jornais já eram consideradas cultura da cidade, com “o colorido de roupas estendido, oferecendo um espetáculo a parte para quem passa pelo local” (O DIA, 1974, p.1). No entanto, essa imagem romântica e celebrada por alguns, não era vista de mesma

forma por outros, que alegavam que a imagem das lavadeiras era degradante e “enfejava” a cidade e causava a propagação de doenças por conta da contaminação com a água suja (CORREIO DO POVO, 1975, p.1), além da associação a promiscuidade (ESTADO DO PIAUÍ, 1971, p.1).

Assim, o discurso modernizador presente nos jornais, lança sobre as lavadeiras olhares normatizadores e sanitaristas, na ideia de promover uma mudança na situação a qual a cidade estava se sujeitando, perpassando uma imagem de cidade atrasada, suja e que não se enquadrava nos ares modernos que o progresso ditava, pois os velhos hábitos estavam presentes nos espaços sociais e no cotidiano de seus habitantes.

No entanto, os espaços são construídos cotidianamente por seus cidadãos, assim aqueles que habitam a cidade a fazem de acordo com suas características que lhes são próprias (CERTEAU, 2014), por isso mesmo que as mulheres pobres, que sem opções de empregos dominam os espaços públicos e deles se apropriam para uso e proveito próprio, nada mais fazem que resistem a cidade, quando o poder público não dispõe de soluções mais práticas para tal.

Para compreendermos as mais diversas formas de se resistir as cidades, em suas determinações sociais e por seus meios culturais, utilizamos a história oral, por meio de entrevistas, como fontes, pois como afirma Thompson,

[...] as testemunhas, podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação do relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo. (2002, p. 26)

Assim, depreende-se que, para traçar um diálogo entre as personagens-objeto desta narrativa, e com o auxílio dos jornais, as entrevistas nos permite compreender as formas de expressão na qual a lavadeira vive na década de 1970, na medida em que essa metodologia abre a possibilidade de se entender o passado, ao amplificar vozes que antes não se faziam ouvir, além de nos possibilitar diferentes “versões” sobre determinadas questões (ALBERTI, 2004).

Assim é que as lavadeiras nos contam sobre as suas interpretações acerca das transformações na qual vive a Teresina na década de 1970, e como essas mudanças afetam seus dias e suas formas de trabalho. Pois na medida que o espaço urbano se modifica, alteram-se também seus modos de viver, conviver e seus significados a partir de então, pois como nos diz Calvino (2017), é impossível discorrer sobre uma cidade atendo-se somente às descrições de suas edificações.

Como já mencionamos, uma constante transformação em suas estruturas físicas, produzidas pelo então progresso, buscou viabilizar meios estruturais para enfrentar a necessidade de organização, higiene e estética causada pela utilização dos rios como meio de trabalho por mulheres pobres. E assim, a criação de um projeto de realocação das lavadeiras da margem do rio, para uma lavanderia apropriada para tal serviço demonstrou, concretamente, a visão que a administração pública pretendia impor sobre a prática da lavagem de roupas nos rios.

Em relação as mudanças estruturais, uma de nossas lavadeiras entrevistadas, dona Adalgisa Dorneles de Oliveira Souza, 73 anos, migrante chegada em Teresina aos seus 16-17 anos, nos conta o seguinte sobre sua experiência ao ser uma das lavadeiras que foram realocadas da margem do Poti, para a lavanderia comunitária:

[...] eu lavava no rio, no sol quente, no inverno num tinha sossego, porque o rio enchia e carregava até as roupas, a gente ia correndo atrás da roupa. Ai ele começou a construir aquela lavanderia lá na Ilhotas, mandou fazer a inscrição da gente na beira do rio, aí andava as moças fazendo a inscrição de quem queria ir pra lavanderia, aí eu fui, aí graças a Deus lá me dei bem, criei meus filhos tudinho lá [...] (SOUZA, 2018)

O “ele” a qual a entrevistada se refere, trata-se do governador Alberto Tavares Silva (1971-1975), que foi o precursor do projeto pioneiro no país, de lavanderia comunitária, onde atendia o público exclusivo de lavadeiras e seus filhos, o Centro Materno-Infantil e Lavanderia. Nesse projeto, houve o realocamento de lavadeiras da margem do rio, para o novo espaço, que se encontrava há 800 metros da margem do rio Poti, não alterando tão fortemente os espaços daquelas que moravam nas proximidades.

Notemos que a entrevistada atribui o fato de “se dar bem” e a criação dos filhos, como um dos aspectos positivos em relação ao sair da margem dos rios e ter melhores

condições, ao chegar na lavanderia comunitária, pois o Centro Materno oferecia assistência integral aos filhos das lavadeiras, como creche, alimentação, cuidados médicos e odontológicos (PIAÚÍ, 1972), deixando-as despreocupadas e com mais tempo para arranjar mais lavados, na intenção de melhorar seu lucro.

No entanto, a garantia de um novo espaço adequado e salubre não foi estendida as lavadeiras que usavam o cais e a margem do rio Parnaíba, que se localiza paralelamente do outro lado da cidade. Elas continuavam a viver na mesma situação que as mulheres do rio Poti vivenciaram antes da construção da lavanderia comunitária, e carregando até mais críticas, além da maior incidência de doenças por conta da sujeira do cais e da água do rio ser mais barrenta.

No relato de outra entrevistada, onde dona Francisca do Nascimento, 84 anos, migrante vinda do interior de Oeiras, e chegando em Teresina em 1969, nos conta que quando foi trabalhar nas margens do rio Parnaíba não havia o mesmo apoio, e se lastima, dando a entender que as administrações não ajudavam os pobres, e por lógica as lavadeiras, deixando-as esquecidas e desassistidas.

Ai eu não conheço história de lavanderia pra lá não. Lavava muito lá, quando eu morava na Piçarra, eu ia lavar eu passava bem rapando aqui a cerca do quartel. Quartel da Ilhota né. Ia lá de cima, e descia pra lavar lá. Juntava muita mulher pra lavar roupa. (silêncio) [...] Nada, aqui não tinha ajuda de nada pra ninguém não. Era as pessoa pobre, correndo, trabalhando demais pra poder viver a pessoa pobre. Eu vivi assim. (NASCIMENTO, 2018)

Encontramos nesses relatos muito além de ressentimentos, mas também uma contradição dentro de um projeto que previa a assistência exclusiva as lavadeiras, quando pensamos através do discurso que pretendia afastar da visão pública a presença de pessoas que representavam uma pobreza visual e social na cidade, porém não chegou a ser introduzido nos principais pontos de turismo e visibilidade da capital (NASCIEMENTO, 2007), como é o centro da cidade, que margeia o rio Parnaíba, tendo em seu cais a presença de inúmeras lavadeiras. No entanto, o projeto e sua execução possibilitou um primeiro passo para absorver e oferecer assistência a um número de aproximadamente 400 lavadeiras (PIAÚÍ, 1972), inscritas no projeto para terem livre acesso à estrutura da lavanderia.

Dialogando com os relatos de nossas entrevistadas, trazemos uma matéria do jornal *O Dia*, publicada no ano de 1974, que apresenta em sua matéria o mesmo drama que vivia uma de nossas entrevistadas, por não ser beneficiada com o projeto por estar distante do rio Poti, e o mesmo não se estender a toda a necessidade que havia, dos dois rios.

Para Dona Raimunda Ferreira de Araújo a lavagem de roupa no rio Parnaíba, além de se constituir um perigo constante, é também um meio de fazer com que as roupas fiquem mais encardidas que limpas. Disse ela que depois das enchentes já perdeu grande número de peças de roupas, que as “patroas” exigem indenização. “Se a gente não paga elas descontam no ordenado, então fica a mesma coisa. As lavadeiras do Poti têm mais sorte do que nós porque lá tem a lavanderia do governo e nós não temos mais nem sol para secar a roupa”. (JORNAL O DIA, 1974, p.5)

Nesse relato retirado do jornal, veiculado em toda a capital, evidencia-se que a execução do projeto mesmo mudando a realidade de muitas lavadeiras não pode ser estendido a toda a extensão da capital, mesmo havendo ainda a grande necessidade para tal. Mas o que podemos salientar é o fato de que não havia, dentre as lavadeiras alguma possibilidade de resistência para com a ação, pois ao analisarmos sua situação econômica, e principalmente social, entendemos que as mudanças provocadas no cotidiano das lavadeiras dos rios e sua realocação para a lavanderia eram recebidas da melhor forma, e até mesmo celebradas:

Além da creche, além da água, além da luz, que tudo era de graça. Tudo era de graça, o que governo que dava. E a casa muito grande, muito boa né, o acolhimento das nossas famílias, praticamente, que nossos filhos lá o dia todo, quando você saía era que levava. Tinha ele também dava merenda. Merenda boa pra nós. Tinha a merenda de nove horas, e tinha a merenda das três horas. Era muito, ele tinha muito cuidado com as velhas lá (risos) e aí nesse tempo eu num era ainda (risos). (SOUZA, 2018)

Assim, percebemos que o processo de adaptação das lavadeiras ao novo espaço foi algo recebido com boa vontade, e assim como mostramos nos relatos anteriores o ressentimento pelo fato de não ter tido extensão o suficiente para atingir um número

maior de lavadeiras, sendo apenas em dois pontos da capital, um na zona sul, bairro Ilhotas, e outro na zona norte, bairro Primavera, e os dois nas proximidades do rio Poti.

A compreensão das lavadeiras de que o projeto as beneficiava, se dava não somente pelo novo espaço, mas em si pela comodidade, e as condições salubres para exercer a atividade, pois não havia mais a necessidade de ficar na margem do rio, no sol escaldante e nem mesmo de utilização de materiais rudimentares como madeiras e pedras, para o serviço, pois como nos relata uma de nossas lavadeiras, a lavanderia oferecia o espaço apropriado, com pias e água encanada, de modo simples, porém organizado:

Ali na lavanderia era bom, cada um tinha sua pia pra lavar sua roupa, não era sua pra você não deixar ninguém. Se você chegasse e tivesse ocupado, você tinha que esperar ela sair pra você ir lavar a sua, aí eu toda vida chegava cedo mesmo, todavia eu lavava logo, a minha era a última. E lá em cima também cada um tinha um lugarzinho pra gomar. (SOUZA, 2018)

Além disso, a mudança dos rios para a lavanderia comunitária, promoveu para algumas lavadeiras um aumento percentual dos valores monetários das lavagens, que não chegava a ultrapassar C\$80, mas que “era pouco o valor. Assim mesmo servia, que tudo era pouco e tudo era barato nera, era barato o ganho, era barato tudo que a gente comprava era barato, dava pra gente se arranjar” (NASCIMENTO, 2018), e outra complementa que o “sabão vinha das pessoa que mandavam lavar as roupa, mandava o sabão, as vezes as que podia, tinha água sanitária, elas botavam. E outros material né. Como a goma também pra fazer o engomando. Tudo era com elas” (ALVES, 2017). Ou seja, o lucro com as lavagens mesmo não tendo um aumento quantitativo compensava para as lavadeiras, e não as mantinha sem renda fixa, já que as lavagens eram uma garantia certa.

Assim, a atividade de lavadeira, mesmo atravessando a flecha do progresso, imposta por uma modernização, de certo modo carregada de autoritarismo e discurso sanitarista, na cidade de Teresina, não desconfigurou a imagem das lavadeiras, pois o projeto iniciado em 1972, do Centro Materno-Infantil e Lavanderia não obteve continuidade em sua expansão, ficando apenas as que já havia sido construídas.

Ao analisarmos os relatos das lavadeiras e nos depararmos com várias matérias em jornais locais, percebemos que a necessidade de se produzir meios e ações assistenciais como da lavanderia comunitária ainda era necessária até o final da década de 1980, não se estendendo um pouco mais a frente, por conta da incidência de novas tecnologias como as máquinas de lavar roupas, e também com a ida da lavadeira para a casa do empregador, costumes que se mantem até os dias atuais, e que tem muito mais presença que as lavanderias comunitárias.

### **Quarando as palavras finais**

Com essa breve análise, pretendemos nesse artigo mostrar como a migração em Teresina fortaleceu uma atividade já muito comum em grandes cidades e como esse serviço manteve tais práticas, mesmo perpassando processos de adaptações de uma nova realidade que se buscava através do progresso, com discursos modernos, além do cultivo de novos hábitos provocados pela realocação para espaços mais salubres, como foi a lavanderia comunitária.

Para finalizar, deixo as palavras de uma de nossas entrevistadas que, ao que nos foi apresentado, mostra-se um sentimento comum aquelas mulheres lavadeiras, pois “era difícil, era difícil. Agora nós estamos é no céu... Não, num é dizer que naquele tempo nós num tava, que todo trabalho pra nós é digno ...” (ALVES, 2017). A lavagem de roupas, tanto nos rios, quanto nas lavanderias, foi uma alternativa viável, uma vez que essas mulheres não tinha instrução formal e passavam a realizar um serviço cuja prática elas já dominavam com maestria. Em consequência dessa ação, a mulher pobre em Teresina dominou os espaços públicos da cidade para garantir o sustento e a sobrevivência de sua família, enfrentando e resistindo aos constantes problemas sociais a que se sujeitava para viver em uma cidade em pleno desenvolvimento.

### **Referências**

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. v. I. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

## **ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. Patrimônios arquitetônicos em Teresina: combates pela memória (1970). *História e Perspectivas*. Uberlândia. p. 167-188, jan-jun, 2016.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. São Paulo: EDUSC, 2002.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vista pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 27, n.53, p. 195-214, 2007.

PIAUI, Governador 1970-1975 (Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa*, 1972.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 1998.

TOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

SILVA, Y. E. M. “O colorido das lavadeiras”: a condição social das lavadeiras de roupas nos rios de Teresina na primeira metade da década de 1970. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em História). Teresina, Universidade Federal do Piauí, 2017.

### **ENTREVISTAS**

DOS SANTOS, Maria de Lourdes Gleide. *Entrevista concedida a Yasmin Escórcio*. Teresina: 2019.

NASCIMENTO, Francisca do. *Entrevista concedida a Yasmin Escórcio*. Teresina: 2018.

SOUZA, Adalgiza Dorneles de Oliveira. *Entrevista concedida a Yasmin Escórcio*. Teresina: 2018.

ALVES, Rosa Maria da Costa. *Entrevista concedida à Yasmin Escórcio*. Teresina, 2017.

### **JORNAIS**

A DURA VIDA DAS LAVADEIRAS. *Jornal O Dia*. Teresina, n 3.826, p.5, 27/28 de jan. 1974.

A MENDINCÂNCIA EM TERESINA- AS LAVADEIRAS DO PARNAÍBA. *Estado do Piauí*. Teresina, ano XLIII. Nº1387, p. 1,19 de ago. 1971.

POPULAÇÃO RIBEIRINHA AMEAÇADA POR DOENÇA ESTRANHA. *Jornal Correio do Povo*. Teresina, ano II, n.77, p. 1, 14 de abr. 1975.

O COLORIDO DAS LAVADEIRAS. *Jornal O Dia*. Teresina, n. 4.001, ano XXIII, p. 1, 5 de set. 1974.